

## **ANTÔNIO GOMES PENNA: ESTUDANTE INCONDICIONAL, CARTÓGRAFO E OLHEIRO (OU COMO SE CONTAGIAR COM UM DESEJO PROFUSO)**

Biografar Antônio Gomes Penna (AGP) é tarefa extremamente complexa. Não me refiro apenas ao caráter ativo do personagem com 90 anos recém-completos em 13 de maio de 2007, em pleno usufruto das amizades cultivadas ao longo da sua extensa carreira e ainda trabalhando cerca de cinco horas diárias na sua biblioteca, preparando mais e mais livros - tornando este, e qualquer trabalho biográfico, inconcluso. Também não me refiro à minha proximidade com o personagem. Mesmo com um personagem por completo ficcional temos alguma forma de enlace. Neutralidade e objetividade absolutas só são possíveis por parte de um corpo morto, inerte. A nossa forma de afetação pelo biografado vai apenas definir uma forma de discurso biográfico. Como a relação de AGP comigo tem sido marcada pela generosidade, só posso esperar que este encontro redunde numa biografia mais rica e articulada do que a gerida sob os ideais da neutralidade e distância.

O problema da biografia aqui presente é duplo. Em primeiro lugar, existe um excelente trabalho publicado por Luís Cláudio Figueiredo (2002), além de um relato autobiográfico bastante completo apresentado no primeiro encontro Clio-Psyché (Penna, 1999). Como fazer do presente trabalho algo distinto de um resumo destes dois outros? Supondo a possibilidade de um trabalho com uma dose mínima de originalidade, resta um problema maior: o que é compor um personagem? Já muito se escreveu sobre o caráter ficcional na construção da função autor. Teríamos o trabalho seminal de Michel Foucault, *O que é um autor?* (1992), além da bela descrição de Calvino (2003: 175):

Como eu escreveria bem se não existisse! Se entre a folha branca e a efervescência das palavras e das histórias que tomam forma e se desvanecem sem que ninguém as escreva não se interpusesse o incômodo tabique que é minha pessoa! O estilo, o gosto, a filosofia, a subjetividade, a formação cultural, a experiência de vida, a psicologia, o talento, os truques de ofício: todos os elementos que tornam reconhecível como meu aquilo que escrevo me parecem uma jaula que limita minhas possibilidades. Se eu fosse apenas uma mão decepada que empunha a pena e escreve... Mas o que moveria essa mão? A multidão anônima? O espírito dos tempos? O inconsciente coletivo? Não sei. Não quereria anular a mim mesmo para tornar-me o porta-voz de alguma coisa definida. Só o faria para transmitir o escrevível que espera para ser escrito, o narrável que ninguém narra.

Enquanto ficção, poderíamos reconstruir o autor (AGP) de forma épica, memorialística, epistemológica, celebratória ou ainda monumental. Tentarei, contudo, optar por uma forma menos comum: aquela em que nosso personagem construído (mas nem por isso menos real) seja tomado como um problematizador de nosso presente, mais especificamente, das nossas obras e das nossas formas de trabalho e existência acadêmica. Essa via de trabalho, confesso, não é totalmente original. Ela já foi aberta por Eduardo Passos em seu texto celebratório ao nonagésimo aniversário de AGP (Passos, 2007). Meu desejo é prolongar este modo biográfico em uma descrição mais extensa (e quiçá intensa). Para isto me proponho a seguir dois passos: 1) apresentar a vida acadêmica de AGP a partir de algumas vinhetas ou marcas

de estilo condizentes com o título deste artigo; 2) mostrar como este estilo problematiza as formas de existência acadêmica, cada vez mais empobrecidas em sua diversidade pela modulação de alguns padrões, notadamente os valorizados e cultivados por agências como a CAPES e o CNPq.

### **Marcas singulares no mundo**

Por maior que seja o desejo de homenagem a AGP neste nonagésimo ano de vida, optarei, no entanto, por um estilo que tente demarcá-lo através de um conjunto de marcas singulares, de vinhetas. Tentarei evitar, portanto, qualquer discurso ao molde heróico, constituindo AGP como marco histórico, enquanto pioneiro ou exemplo a ser seguido pelas vias da história.

### ***O estudante incondicional (ou profissional)***

Na condição de filho caçula do segundo casamento de sua mãe, Maria Amélia Campos Penna, com um rico comerciante português, João Gomes Penna, configurava-se um claro caminho talhado para AGP: o mundo de negócios. E o primeiro passo deste caminho foi dado no seu ingresso nos anos 1930 na Escola de Comércio, um dos primeiros cursos de Economia da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, este primeiro passo foi ao mesmo tempo o primeiro movimento de desvio em relação a este destino traçado. Para se encarnar em outro, que poderia ser a profecia auto-realizada do adágio de uma antiga cigana consultada por sua mãe, para quem AGP seria “um homem importante, rodeado de livros” (Figueiredo, 2002: 17). Ou ainda, este desvio poderia ser produto do encontro singular com um professor do curso de Economia Política, David José Perez, que, na livre temática de suas aulas, partia de temas como a economia primitiva em direção a vários

domínios como a filosofia, a literatura e a cultura geral. Pelo efeito contagioso deste encontro com o velho mestre, ou pela auto-realização de uma antiga profecia, AGP iniciou em meados dos anos de 1930 uma espécie de "acoplamento estrutural" (seguindo um conceito de Maturana e Varela, 1995) com os livros e o estudo. Isto, desde uma coleção de livros franceses arrematados por seu pai em um leilão na livraria São José (quando nada sabia de francês), o que o levou a perseverar numa relação quase celibatária com estes dias a fio isolado em seu quarto (conferir Figueiredo, 2002: 19) - relação que se mantém até os dias de hoje, em que garante trabalhar cerca de 5 horas por dia na sua vastíssima biblioteca, seu ponto derradeiro de imersão no mundo.

A tese aqui levantada é a de que a vida de AGP se constituiu desde então na possibilidade de devorar livros em seqüência, num sentido comparável apenas a um simpático personagem de Henfil, o bode Orelana. Este acoplamento estrutural pode ser observado nos relatos de suas atividades de lazer, como ir desde cedo para o Maracanã em dias de jogo para encontrar um bom lugar e... ler tranqüilamente. Ou ainda em diversas fotografias tiradas ao longo de sua vida: seja tomando um café da manhã, cuidando de um filho seu, escondido em sua biblioteca, ou ainda no Instituto de Psicologia da UFRJ, sua segunda casa. Em todas elas se encontrava sempre um livro colado em sua mão como uma prótese, uma dobradiça que o ligava ao mundo, numa posição de estudante incondicional.

Se esta conexão incondicional com os livros poderia se explicar pela profecia cigana portada por sua mãe, ou pelo encontro com o pensamento mundano de José Perez, resta se perguntar pelas razões de sua avidez. É o que faz Figueiredo (2002, capítulo 1) na busca do "Segredo da eterna juventude", quando correlaciona este episódio com o desmame tardio de APG aos 5 anos. Desta fome de aleitamento à leitura incondicional, mais do que uma simples aliteração, ou uma psicanálise pró-edípica, podemos

encontrar uma fórmula para a avidez, o apetite de vida e a profusão, de resto bem sinalizada por Leminski (1996: 26):

Leite, leitura,  
letras, literatura,  
tudo o que passa,  
tudo o que dura,  
tudo o que duramente passa  
tudo que  
passageiramente dura  
tudo, tudo, tudo  
não passa de caricatura  
de você, minha  
amargura  
de ver que viver  
não tem cura.

Como evitar que esta avalanche de leituras lançasse nosso personagem no mero acúmulo de informações ou numa relação quixotesca com o mundo? Três modos de constituição de si e de seus próximos se fizeram: a obsessão cartográfica na organização do campo de leituras devoradas, o contágio plural pelo estudo, gerando uma curiosa forma de profusão alheia a qualquer forma de produtivismo. Estas serão as demais vinhetas singulares no modo peculiar de constituição do personagem AGP.

### ***Cartografia de vastos mundos***

A avidez pelo saber não teria apenas alçado os diversos livros devorados em série, mas também os diversos cursos seguidos: após o de Economia, os de Direito (1944) e Filosofia (1948), quase configurando a posição do que chamaríamos hoje pejorativamente de “estudante profissional”. Avidez que se seguiu para os diversos cursos trabalhados em sua longa carreira de professor, iniciada no Instituto Lafayette em 1942, e prosseguida no Colégio Andrews, Instituto de Educação (1958-1963), Faculdade Nacional de Filosofia (atual UFRJ, entre 1949-1967), Universidade

do Estado da Guanabara (atual UERJ, entre 1950-1970), Instituto de Psicologia da UFRJ (1967-1997), Universidade Gama Filho (1971-1980), Fundação Getúlio Vargas (pós-graduação em psicologia de 1971 a 1992) e Escolas militares, como a da Aeronáutica, o CEP e o Ecemar (1953-1968). Pode-se igualmente ver esta avidez nos cerca de 30 livros publicados ao longo da sua carreira, desde *Percepção e aprendizagem* de 1966, além de verbetes e artigos diversos (conferir currículo em anexo).

Que marca se pode extrair de seu ensino e de seus textos? Em primeiro lugar, o estudo incondicional, sem qualquer finalidade conclusiva, como a que conduziria, por exemplo, o trabalho de um pesquisador, tido hoje como único modo legítimo na produção de saber. De igual modo, distingue-se deste personagem por não seguir um único foco de pesquisa, mas diversos, conforme a voracidade destacada por Figueiredo (2002). Segundo este autor, tal voracidade teria se configurado, inclusive, no tema da sua tese de livre-docência sobre o "comportamento exploratório", defendida em 1964.

Contudo, este trato com uma diversidade extensa e inconclusa de saber não redundava em uma forma de trabalho amorfo, mas teria um estilo bem peculiar. Virgínia Kastrup, em sua comunicação por ocasião da celebração dos 90 anos de AGP na UFRJ, destacou que esta marca é a do intelectual, na diversidade, plasticidade e amplitude de seus interesses. Figueiredo (2002: 72) destaca o caráter enciclopedista do nosso personagem, apontando para a capacidade de organizar, tanto nas aulas quanto nos textos, uma enorme gama de informação com "abrangência, concisão, precisão e facilidade de leitura e uso". Esta capacidade, eu melhor designaria como a de um cartógrafo, desvinculando-a do viés doutrinário dos enciclopedistas. De seus livros é possível extrair mapas ainda bastante atuais de diversos temas: percepção, linguagem, aprendizagem, memória, motivação, emoção, história da psicologia e idéias psicológicas, psicologia cognitiva, psicologia política, filosofia moral e epistemologia.

Portanto, uma boa parte dos textos e das aulas de AGP tem este perfil esquemático. Contudo, especialmente a partir do final dos anos 1980, seus textos têm apresentado um maior posicionamento em relação a diversos temas. Qual seria a posição doutrinária deste cartógrafo-enciclopedista? A própria postura do enciclopedismo, segundo Figueiredo (op. cit.), conduzindo a uma posição iluminista e racionalista, que de resto se manifestaria em suas posições políticas. De modo mais específico, Krüger (1998: 57) destaca ainda uma postura internalista nos estudos sobre História da Psicologia. Moraes (2007) ressalta que aqui neste campo se apresentam estudos conectados com a atualidade, privilegiando mais a problematização do que a cronologia - algo muito diverso do que comumente se apresenta no campo.

Contudo, mesmo com estas posturas, pode-se encontrar nos escritos de AGP a presença de autores bem diversos de uma matriz racionalista, como Kierkegaard, Nietzsche e Bergson. O racionalismo de AGP, se é que podemos enquadrar assim, apresenta-se com um caráter extremamente aberto, notadamente pluralista. E é este pluralismo aberto que marca a produção da sua herança junto às gerações de alunos mais próximos.

### ***O olheiro da diversidade***

Para além das aulas, livros, textos e verbetes, podemos encontrar um dispositivo bem específico na transmissão de saber, tal como conduzido por AGP: os grupos de estudo. Haveria aqui a possibilidade de encontrarmos uma escola ou um grupo mais fechado em termos doutrinários? Este círculo mais restrito em nada se diferenciava, no estilo de transmissão, das demais formas já apresentadas; pelo contrário, aqui encontramos uma diversidade ainda mais ampla. Como conjugar aqui autores de matrizes teóricas tão distintas como Luís Cláudio Figueiredo, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Helmuth Krüger e José Guilherme Merquior? Ou ainda: como enquadrar o pensador Clauze Ronald Abreu, que justamente herda, de maneira exaustiva e radical,

a prática dos grupos de estudos, sem deixar um único escrito? Neste aspecto, parafraseando James (1979:21) na sua definição do pragmatismo, o ensino de AGP operaria como “um corredor em um hotel, onde números quartos dão para ele”, se seguindo atividades muito distintas em cada qual.

Em outras palavras, jamais encontraremos na herança de AGP uma escola, ou uma doutrina fechada. Em face deste quadro, duas perguntas se colocam: 1) o que permitiu a costura dessa herança coletiva tão heterogênea?; 2) o que se herdou dela de forma mais específica? Sobre a primeira pergunta, Krüger (2007:2) assim estabelece o funcionamento da rede tecida por AGP: esta “baseava-se nos princípios da tolerância intelectual e do estímulo à discussão livre e desembaraçada”. Em outras palavras, podemos dizer que AGP sustentou a sua herança plural no reconhecimento da diversidade. E com uma posição peculiar: jamais tentou orientar ou corrigir os mais próximos, mesmo no lugar de orientador. É neste aspecto que, usando termos correntes no futebol, se poderia dizer que AGP mais se aproxima da função de olheiro, de descobridor de talentos, do que da de técnico, de um orientador. É assim que o nosso personagem se relacionaria com seus herdeiros, ao selecionar aqueles que manifestariam um desassossego, uma fome intelectual. Mesmo que para sabores muito diversos.

E o que se transmite para estes “famintos de saber”? Justamente a intensificação desta motivação (Krüger, 2007), desta fome de estudo, tal como destacam Moraes (2007) e Lucero (2007). Pode-se dizer que este contágio (Passos 2007) é a sua maior herança, que justamente seus herdeiros, tão plurais, buscam transmitir. Contudo, cabe perguntar se esta fome compartilhada e produtiva nos conduz necessariamente a um produtivismo, nos moldes das relações atuais da vida acadêmica.

### ***Produção sem produtivismo***

Além dos cerca de trinta livros, diversos artigos e verbetes, a carreira de AGP tem vários índices de produtividade. Nesta destaca-se, por exemplo, a obtenção de algumas cátedras (uma na UEG e duas na FNF) e livre-docências (Psicologia Geral e Psicologia Educacional, ambas pela UEG). De igual modo, na UFRJ criou o Boletim do Instituto de Psicologia (IP) e foi um dos articuladores do curso de psicologia ainda na FNF (que depois passaria para o IP). Igualmente participou de cargos de destaque, como as coordenações de pós-graduação na Gama Filho, na UFRJ e na Fundação Getúlio Vargas, e a direção do IP na UFRJ. Sobre estes cargos administrativos vale a observação de Figueiredo (2002: 57) quanto à ausência de vocação de AGP para tais atividades.

Contudo, nestas atividades administrativas destaca-se um aspecto crucial na carreira de nosso biografado. Lembremos que tanto a criação quanto a direção do IP da UFRJ se deram em períodos extremamente delicados da nossa vida política, notadamente o da ditadura militar - momento turbulento, uma verdadeira prova para todos seus atores, especialmente a partir de 1968. E para AGP foram diversas as provações: inquéritos diversos, pedidos de denúncias contra líderes estudantis, além da prisão de seu filho Lincoln, na época membro do Partido Comunista. Sobre o nosso personagem, cabe a ressalva de que não se tratava de nenhum candidato a herói com pretensões revolucionárias. Apesar de um bom conhecimento de Marx e de muitos de seus comentadores, adquirido desde o período dos estudos de David Perez, a posição política de AGP sempre esteve mais próxima da democracia liberal (Figueiredo, 2002: 50).

As intrigas que se fizeram em torno dele circularam em torno de acontecimentos banais, que na lógica persecutória da ditadura poderiam sinalizar grandes perigos. Assim, a participação na passeata dos cem mil, a presença em uma reunião no Colégio André Maurois de protesto contra as violências militares, o acolhimento de uma assembléia de estudantes na sede do Instituto de Psicologia da UFRJ, a não punição e recusa à denúncia de um

grupo de estudantes grevistas no protesto contra um mau professor, um tema de redação supostamente subversivo (Para onde caminha a humanidade? – extraído de uma Encíclica de João XXIII), a apresentação da fenomenologia (entendida como disfarce do marxismo), e a suspeita de ser um líder ideológico de alunos subversivos, tudo isso conduziu a uma série de inquéritos e punições, além da ameaça de aposentadoria. O que se pode dizer destas sucessivas provas é que AGP, mesmo sendo um personagem visado, não entrou no ciclo de delações nem se submeteu a conchavos exorbitantes para melhorar sua situação. Se o pluralismo pode parecer por vezes uma postura fraca e indecisa, a sua manutenção em períodos de exceção pode revelar uma posição forte. E isso pode ser dito de nosso personagem.

Nos dias de hoje, o pluralismo não sofre as mesmas ameaças de exceção na política - ao menos ao modo da força, como nos anos 1960 e 1970. Contudo, no seio do mundo acadêmico, as avaliações do trabalho intelectual pelas principais agências de fomento tendem a uma progressiva homogeneização do que se considera ideal, condensando todos os seus maiores valores em uma mera produtividade quantitativa. É bem verdade que, como vimos, AGP tem sido extremamente produtivo: livros, artigos, orientações e cargos na pós-graduação. Mas isto sempre foi feito sem nenhum interesse nos ditames da CAPES e do CNPq, sem estar voltado para periódicos bem cotados, ou respeitando a especialidade de um determinado perfil. Produtivo, sem dúvida, no trato voraz com os livros, nas suas cartografias singulares em aulas e grupos de estudo; mas jamais nas atividades de auto-gestão de sua carreira, como tanto nos acostumamos a fazer, numa maré de avaliações, relatórios e currículos a serem atualizados. Muito de sua produção certamente não contaria nos atuais critérios, tão estreitos. Neste aspecto, talvez fosse mais adequado falar em profusão do que em produção. O que certamente nos apontaria para uma outra forma de disseminação: a do estudo pelo gosto puro, a do contágio do pensamento e a

do acolhimento plural sem a formação de milícias doutrinárias, feudos ou formas correntes de caciquismo. Enfim, profusão sem produtivismo. E o melhor, solidária, e não competitiva.

**Arthur Arruda Leal Ferreira**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

### **Referências bibliográficas**

CALVINO, Ítalo. Se um viajante numa noite de inverno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Antônio Gomes Penna. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Em: O que é um autor? Lisboa: Vega, 1992.

KRÜGER, Helmuth. Contribuição de Antônio Gomes Penna para a História da Psicologia. Em: GUEDES, Maria do Carmo (org.). Historiografia e história da psicologia. São Paulo: EDUC, 1998.

KRÜGER Helmuth. Antônio Gomes Penna, um professor. Boletim do Instituto de psicologia, 2007 (a ser publicado).

LEMINSKI, Paulo. O ex-estranho. São Paulo: Iluminuras, 1996.

LUCERO, Néilson. Homenagem ao Professor Penna. Boletim do Instituto de psicologia, 2007 (a ser publicado).

*Antonio Gomes Penna: estudante incondicional, cartógrafo e olheiro (ou como se221 contagiar com um desejo profuso).*

---

MORAES, Márcia. Homenagem ao Professor Penna. Boletim do Instituto de psicologia, 2007 (a ser publicado).

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. Campinas: Editorial Psy, 1995.

PASSOS, Eduardo. Homenagem ao Professor Antônio Gomes Penna. Boletim do Instituto de psicologia, 2007 (a ser publicado).

PENNA, Antônio Gomes. Minha Caminhada na Psicologia. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABUR, Fábio; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Clio-Psyché. Histórias da Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ/NAPE, 1999.